

DISPERSÕES: UMA EXPERIÊNCIA CRÍTICA DE ADALICE ARAÚJO

DISPERSIONS: A CRITICAL EXPERIENCE OF ADALICE ARAÚJO

Carla Fatio

RESUMO

O objeto desta análise é compreender o papel da crítica de arte na visão de Adalice Araújo, ao evidenciar as qualidades expressivas da arte de Santa Catarina e revelar as dispersões no caminho da arte do continente. Os tópicos foram circunscritos ao Simpósio da I Bienal Latino-Americana de 1978. A autora legitimou a questão mítica na obra de arte, frente aos parâmetros adotados no eixo Rio de Janeiro-São Paulo e da própria hegemonia norte-americana. Avaliamos sua experiência crítica somada ao processo cultural de artistas e coletivos ilheenses, e observamos a influência de possíveis desvanecimentos do homem diante de suas escolhas.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; experiência crítica; Adalice Araújo; dispersões.

ABSTRACT

The object of this analysis is to understand the role of art criticism in the view of Adalice Araújo, by highlighting the expressive qualities of the art of Santa Catarina and revealing the dispersions along the way of art on the continent. The topics were circumscribed to the Symposium of the First Latin American Biennial of 1978. The author has revealed the diffusions in the art path, by legitimizing the mythical issue in the work of art faced to the parameters adopted on the Rio de Janeiro-São Paulo axis and the North American hegemony itself. In conclusion we have evaluated the process of her critical experience added to the cultural movements of artists and collectives from the Island, by also observing the influence of man's own fading in the face of his choices.

KEYWORDS

Art; critical experience; Adalice Araújo; dispersions.

Introdução

Adalice Araújo apresentou inicialmente a tese “Mito e magia na arte catarinense” para o concurso público de Professor Titular de História da Arte na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ao ser convidada ao Simpósio de Críticos de Arte da I Bienal Latino-Americana de 1978¹ teve a oportunidade de reinserí-la no contexto. Para se falar sobre essa pesquisadora é fundamental lembrar qual é verdadeira origem temática de “Mitos e Magia”² sugerido pelo Conselho de Arte e Cultura da Fundação Bienal de São Paulo e de demais apoiadores à época.

O Simpósio da I Bienal Latino-Americana ocorreu em paralelo à Mostra Expositiva, com a presença de trinta e três críticos de arte de diferentes países que se tornaram interlocutores à crítica contemporânea. Os críticos, ao validarem movimentos positivos para o reconhecimento da heterogeneidade, acolheram talentos para a construção de uma identidade própria, crítica e gestora de uma arte plural, étnica e social. Por sua vez, a I Bienal Latino-Americana constituiu um viés histórico de suma importância para os futuros desígnios seletivos de premiação, na necessária continuação de um projeto nacional e para a valorização da arte latino-americana. Adalice Araújo reconheceu essa potencialidade, tanto dos artistas que foram selecionados para participar da I Bienal Latino-Americana como os artistas que estavam em sua pesquisa.

Com o artigo propomos compreender, por meio de sua experiência crítica, as reflexões sobre a arte e a identidade dos artistas regionais, suas relações com o mito e toda a influência do Surrealismo no processo regional da “Ilha” da extensão sul do Brasil. Ao mesmo tempo, observamos as respectivas dispersões no caminho da arte do continente e na própria região catarinense. É necessário referendar a importância de sua figura influenciadora como crítica de arte, jornalista e professora universitária na região Sul do país. Adalice Araújo fez parte de vários coletivos, entre esses o Artixx³.

Quem foi **Adalice** Maria de **Araújo** ?



Figura 1. Adalice Araújo. Foto: sem identificação do fotógrafo. Crédito da imagem em <http://artixxaoarlivre.blogspot.com/2011/04/adalice-maria-de-araujo.html>

Adalice Maria de **Araújo** (Ponta Grossa, 1931 - Curitiba, 2012) trabalhou como Professora Doutora e Livre Docente em História da Arte pela UFPR. Foi autora de diversos livros e artigos fundamentais à introdução da Arte Contemporânea, além de projetos que se tornaram disciplinas na mesma Universidade. Colaborou no desenvolvimento dos cursos de Desenho Industrial, Programação Visual, Educação Artística e do Departamento de Artes. Como Diretora do Museu de Arte Contemporânea/PR (1987–1988) inseriu propostas de curadoria e crítica de arte, núcleo de Arte-Educação, núcleo de Semiótica, além da reserva técnica. Trouxe importantes exposições internacionais. Por quase três décadas conduziu, simultaneamente, a Coluna Artes Visuais no jornal Gazeta do Povo. Ficou conhecida como a “guerrilheira Dada” em prol da cultura, ao defender artistas e museus. Citada como: “A guerrilheira mais bem penteada e ilustrada da República, com várias chamadas para depor no SNI⁴”.

Como projeto de vida elaborou o “I Volume do Dicionário das Artes Plásticas no Paraná⁵”. Escreveu sobre o campo da arte da Pré-História até os anos de 1980. Esse Dicionário começou a ser escrito em 1968 e foi concluído em 2006.

A Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) lhe atribuiu o “Prêmio Mário de Andrade” (2003) e o “Prêmio Gonzaga Duque” (2006) pela publicação do “I Volume

do Dicionário das Artes Plásticas”. A crítica foi também uma das homenageadas no Encontro Internacional de Críticos de Arte da Bienal VentoSul (1994), enquanto curadora teve ao seu lado uma equipe de notáveis como Tício Escobar, Fernando Cocchiarale, entre outros.

Os caminhos e algumas considerações

Para sua apresentação ao Simpósio da I Bienal Latino-Americana, Adalice Araújo elucidou o significado da cultura e as estruturas do mito em dois caminhos. Explicou que para o mestre da Antropologia moderna Claude Lévi-Strauss, tanto o mito, a magia e a religião tinham um ponto em comum: o sobrenatural. Os estudos desse teórico a auxiliaram a compreender que o homem estava mediado por suas crenças e a cultura poderia ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos que finalizava por mobilizar a totalidade do psiquismo. Citou: “Se a religião é o culto a esse sobrenatural, a magia irá envolvê-lo com práticas secretas capazes de esconjurar os espíritos maléficos ou benéficos. Isso porque a Psicologia vê nas práticas mágicas a sombra desse inconsciente” (LÉVI-STRAUSS apud ARAÚJO, 1977, p.1).

Interpôs uma reflexão crítica sobre o inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung, a respeito do homem, seu subconsciente e seus arquétipos, versados sobre a Psicologia Analítica. Segundo os estudos de Jung, as composições dinâmicas seguiam os caminhos de alienação, o reconhecimento com deuses, heróis e a integração com a presença dos símbolos. Identificou por meio dos arquétipos, grandes perspectivas ao estudo do mito. Apresentou o mito como o “teatro simbólico das lutas interiores do homem”, através do qual poderíamos descobrir nossas estruturas básicas. O conceito de pesquisa para a autora era o símbolo e seu funcionamento sobre as estruturas mentais. Ao realinhar suas convicções à temática “Mitos e Magia” afirmou que sempre houve uma necessidade compulsiva do homem em ter a urgência por acreditar, precipitando, assim, os mitos, a magia e as religiões. Esclareceu que se tornava clara a razão pela qual o sentido existencial do homem vinculava-se tão estreitamente ao mito.

Nessa definição, Adalice Araújo buscou destacar e alinhar o que estava em voga no ideário contemporâneo da época: o Realismo mágico. Considerou a questão da necessidade compulsiva que o homem sentia de acreditar de onde e como surgiam os mitos, a magia, as religiões, e a própria dispersão do homem diante de suas escolhas. Nesse fio tênue de compreensão, a magia podia ser encarada como ciência ao propiciar coisas extraordinárias. Em sua ótica todas as religiões, sem exceção, foram sempre impregnadas de conteúdo mágico. Defendia que esse pensamento estava arraigado na cultura de muitos e que além do “divino”, o símbolo era o elo comum entre a crença, a magia e a religião. A crítica valorizou que esse símbolo se

revestia de caráter ontológico e histórico, ao justificar que nele se apoiava toda a forma de comunicação humana e o próprio reconhecimento desse ser social da cultura.

Adalice Araújo narrou a questão da sua escolha para o presente tema de trabalho, em que o “Mito e a magia na arte catarinense” teve como objetivo básico a defesa da identidade cultural e a comprovação de que o Sul não era o como erroneamente se supunha: “uma Europa abasileirada”, ou seja, uma dispersão da cultura dentro da própria cultura brasileira. Quis, por determinação, comprovar o contrário e que a arte se integrava ao processo de “mais pura brasilidade”. Ao respaldar essa discordância garantiu que, mesmo com possíveis falhas das estruturas de apoio, ficava suficientemente comprovado que Santa Catarina, no caso específico a cidade de Florianópolis, possuía um rico substrato cultural. Evidenciava-se que as “raízes mitomágicas” desse substrato cultural sobreviveram ao dar identidade própria à sua produção artística. Particularizamos como a autora elegeu as causas principais na perspectiva de possíveis dispersões. Como primeiro ponto, citou o isolamento da ilha. Revelou que por anos o Estado de Santa Catarina viveu pressionado pelo “caciquismo” e a conseqüente estratificação social. Descreveu a faceta positiva de preservação, com um comprometimento objetivo e com uma massificação niveladora. Explicou que a tecnologia se impôs a todos na “aldeia global”. No segundo ponto, distinguiu os micronúcleos urbanísticos, como foi o caso de Florianópolis. Mostrou que esses micronúcleos proporcionam o desenvolvimento do individualismo e que em parte poderia explicar o grande número de personalidades carismáticas que a Ilha possuía.

Enalteceu os inúmeros artistas da região, em nível individual e descritos em suas pesquisas estéticas. No coletivo apresentou o “Movimento Sul ou Grupo Sul” que registrou, ao final da década de 40, como a Ilha viveu a sua Semana de 22 com toda a implicação que o termo pudesse ser ajustado ao tempo. Justificou como um significado latente o fato do Movimento Sul trazer o Modernismo à Santa Catarina, visto que São Paulo havia vivenciado vinte e cinco anos antes. Como um dos resultados surgia o Círculo de Arte Moderna (CAM) responsável pela publicação da Revista Sul, principal veículo de divulgação dos conceitos e ideias modernistas do período. O intercâmbio estabelecido pela revista se estendeu aos países de língua portuguesa e aos latino-americanos. Adalice Araújo aprovava que o Círculo de Arte Moderna defendia um Modernismo sem rejeição ao passado e determinado a mudar os parâmetros tradicionalistas das artes, ou seja, um momento de reavaliação da Semana de 22 por uma “Geração de 45”. Os artistas desse Grupo se tornariam a terceira geração modernista e mais, com o ambiente pós-guerra viriam a proporcionar novos parâmetros culturais e artísticos. Seguiram o ideário modernista

ao exaltar a cultura regional catarinense em obras que retrataram as festividades populares, os interiores das casas e as cenas rurais. Fizeram parte desse Grupo: Salim Miguel, Silveira de Souza, Eglê Malheiros, Armando Carreirão, Aldo Nunes, Adolfo Boos Jr, Aníbal Nunes Pires, Jason César, Ody Fraga, Hugo Mund Jr., Guido Wilmar Sassi, Walmor Cardoso da Silva, Ernesto Meyer Filho, Dimas Rosa, Hiedy de Assis Corrêa (Hassis), Archibaldo Neves e Hamilton Ferreira, entre outros integrantes. Com a saída de alguns de seus membros, o Grupo Sul foi se enfraquecendo.

Na década de 50 os artistas plásticos viveram a sua fase antropofágica, que teve na obra de Franklin Cascaes, um de seus alicerces. Seu processo de criação foi baseado nos “mitos e lendas da Ilha do Desterro”. Notabilizou, em suas pesquisas de mais de quatro décadas, o homem do litoral catarinense e as comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, como um registro arqueológico. Resgatou os fragmentos de uma tradição ao recolher sozinho as histórias, ao desenhar as formas e moldar as figuras. Franklin Cascaes (1908-1983)⁶ rabiscava a mitologia.



Figura 2. Obra: **Viagem bruxólica à Índia** (Artista Franklin Cascaes).

Crédito da imagem: Acervo Wanda Svevo, FBSP, março 2012, código 01BLA0000-AMPLI.

Fotógrafo: Francisco Kava e João Henrique Stahlke.

Franklin Cascaes considerado “misto de mitólogo, etnógrafo e criador, voltou-se para a missão messiânica de salvar a cultura popular local” (ARAÚJO, 1977, p.3). Adalice Araújo decifrou que esse artista só não foi condenado ao insucesso, primeiramente por conta de sua persistência e teimosia, depois por seu sentimento ligado ao próprio passado por conta de uma tradição que amava. O antropofagismo que Cascaes viveu, estendeu-se aos outros. Adalice definiu que de seu “benéfico contágio” nasceu uma data oficial antropofágica nomeada de “Barriga-Verde”⁷. O artista Hiedy de Assis Corrêa (1926-2001)⁸ conhecido como “Hassis”, apresentou suas obras ao lado de Ernesto Meyer Filho no Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU), em 1957. Ao final da década de 50, outro coletivo surgia nomeado como Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF). Hassis tornou-se um dos membros fundadores. Conforme outras citações, Hassis fez uma série de desenhos com temas do folclore ilhéu. Hassis ficou versado como “o vaticinador da ilha” e considerado um artista de grandes epopeias.

Segundo a crítica, Hassis era muito lúcido face aos problemas existenciais do século e interpretou à sua maneira a magia subterrânea da Ilha. Na mesma sequência temática apresentamos Ernesto Meyer Filho (1919-1991)⁹ dito como um dos maiores representantes da arte fantástica. A pintora Eli Malvina Heil (1929-2017)¹⁰ foi descrita como um fenômeno de intuição criadora, com obras que tangenciaram os limites do inconsciente. Para a crítica, “aproximava-se da arte xamã, como a cosmologia que inventa as raízes locais” (ARAÚJO, 1977, p.3). Distinguimos, entre outros artistas citados no texto, Dimas Rosa (1935-1991)¹¹ que comprovou a integração da técnica industrial com esse substrato mágico.



Figura 3. Obra: *Mão Olhudas*. (artista: Eli Malvina Heil) Crédito de imagem: da própria artista, em: [imagem:http://eliheil.org.br/uploads/images/quadros/thumb_Maos-olhudas-\(a\).jpg](http://eliheil.org.br/uploads/images/quadros/thumb_Maos-olhudas-(a).jpg)

Entre as décadas de 70-80 surgiu uma nova geração de artistas com o Grupo Noss'Arte. Esse Grupo realizou sua primeira exposição no Museu de Arte Moderna de Florianópolis (atual MASC). A crítica apurou que houve a realimentação da fonte mitomágica através da *Science Fiction* e considerou seu melhor expoente o Grupo Terra Oca, que demonstrou uma aptidão ímpar de apropriação desse tipo de espaço mítico. Esclareceu a sobrevivência do fantástico que se fez sentir em vários outros artistas da nova geração, cujas obras variaram da pintura metafísica ao Surrealismo e ao Simbolismo. Avaliou que esse surgimento comprovou não só a alienação aos problemas circunstanciais, como a capacidade do homem catarinense em criar territórios mágicos.

Apresentou-nos o “mito açoriano” como reminiscência indígena ao agir diretamente sobre o folclore e demais manifestações da cultura popular, os mitos dos marinheiros e dos tropeiros, ao nos evidenciar suas influências subterrâneas. Adalice pesquisou a dinâmica simbólica individual e como essa foi realimentada pelo telurismo da terra e ao substrato da tradição mágica, impulsionando o artista à mitogênese. A crítica de arte nos propiciou entender cada artista catarinense, com suas características específicas e como detentores de um espírito de renovação e pesquisa. Cada qual na busca de sua simbologia e da autenticidade temática local em seus trabalhos, sendo apenas alguns exemplificados nesse artigo. Para ela, com toda a sua experiência crítica, esses artistas recorreram ao lirismo e à estesia visual. Observamos que muitos desses artistas não possuem outras referências, a não ser os estudos indicados pela autora e os que foram honrados na Academia Catarinense de Letras e Artes (ACLA). Existe também uma publicação posterior coordenada pelo crítico Harry Laus e equipe da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) com apoio do MASC, intitulada “Indicador catarinense das artes plásticas (1988)¹²”. Em relação à Fundação Bienal de São Paulo, relacionamos que poucos desses artistas participaram das edições internacionais ou das Bienais Nacionais. Para a I Bienal Latino-Americana apenas Franklin Cascaes e Eli Malvina Heil foram selecionados. A crítica reconheceu que o fato se refletia desde a implantação da Academia Francesa, ao justificar que antes da II Grande Guerra a matriz era Paris e naquele momento de 1978 era Nova York. Declarou que essa mesma confusão havia levado à destruição parcial ou total da arquitetura colonial, como acontecera no Sul do Brasil, exemplificando a cidade de Curitiba. Compreendia-se a necessidade simultânea da modernização, entretanto, para a crítica havia a urgência em se ater ao bom senso, preservar as nossas raízes culturais e respeitar a possibilidade de novos caminhos a essa abertura. Distinguimos que essa abertura seria outra forma de dispersão, em que o artista se via diante da possibilidade de um reconhecimento internacional ao copiar o modelo, entrava em conflito ao perceber a força motriz de suas raízes culturais e em dissonância ao que o

mundo esteticamente aprovava. E mais, via-se diferenciado do eixo Rio de Janeiro-São Paulo que ditava as regras do mercado da arte brasileira, em parcimônia com a hegemonia norte-americana.

Ao referendar essa experiência crítica, julgamos essencial trabalhar com a simultaneidade dos tempos de 1978 e o atual século XXI. Adalice Araújo nos brindou com a nossa própria ignorância histórica, ao citar os vários artistas específicos sobre a região Sul. Não podemos nem ao menos julgar certo ou errado, porque nem tivemos acesso à História da Arte contada dessa forma nos bancos da escola na região Sudeste. Essa tese tornou-se um “tratado” para os tempos atuais e nos trouxe o sentido obrigatório de investigarmos os artistas e conceitos muito bem elucidados por ela. Poderíamos dizer que o Grupo Sul produziu, mesmo que tardiamente, uma ramificação, como uma expansão natural do percurso artístico-cultural, ao atuar como base que projetou a Semana de 22 de São Paulo na região Sul. Colocou-nos diante de práticas que culminaram em novos processos de se miscigenar o que se tinha (substrato mítico cultural) e o que se era (comunidades simples) à aquilo que se pretendia concretizar enquanto movimento artístico e experiência crítica. Observamos que talvez essa fosse a maior dispersão que o próprio artista precisasse compreender em seu mundo, muitas vezes, até utópico, para poder avançar em sua pesquisa pictórica.

Ao longo da História ficou mais do que comprovado que uma das formas mais completas de comunicação humana foi sempre a arte. Como um radar, Adalice Araújo detectou o ser humano total. Tanto no individual como no coletivo, registrou seus ritos e técnicas. Fez-nos compreender que, justamente pela vívida envolvimento com os símbolos através da obra de arte, foi possível reconstituir toda a cultura humana em seu aspecto mais abrangente. Observamos formas culturais e estéticas que se revigoraram em heranças, moldaram o melhor em nós e não exerceram influência apenas como modelos a serem copiados. Compreendemos que recebemos essas referências artísticas europeias e norte-americanas, entretanto, os artistas ilhenses descobriram suas raízes culturais, sua mestiçagem, seus símbolos e as autenticaram. Explicamos que esses artistas foram mais adiante, para entender que existia uma relação opressora, comparativa e egóica, no sentido de ter que ser melhor e ter sempre que se autosuperar em sua prática artística. A maioria dos artistas se coloca em reclusão ao pesquisar um tema, para aflorar na tela ou em quaisquer outros suportes, os elementos passíveis de estética. E mais, o artista batalha para lograr o seu valor, encontrar seu espaço no tempo de análise e avaliação crítica, para se expor na experiência do outro.

Sabemos que somos oriundos de diversos povos, diferentes culturas. Não há dúvidas sobre a questão que a autora trouxe em seu âmago, como uma urgência desenfreada em enumerar todos ou quase todos os artistas que estavam trabalhando na tendência mitomágica da Ilha, com o sentido de legitimar a questão mítica na obra de arte diante da hegemonia norte-americana e nos proporcionar a compreensão de toda a história do homem, na arte e no símbolo. Presenteou-nos com esse legado, o quanto o Sul do país passou a representar na vida de todos, bem como, a recomendação de tantos artistas em diferentes linguagens. Esses, por sua vez, tornaram-se mestres de si próprios diante do mundo.

As décadas se passaram, a arte do Sul tem demonstrado uma soberania independente, vinculada à uma condição de colonização muito mais europeia que a do Sudeste. Existem controvérsias a respeito da arte latino-americana (incluí-se a arte brasileira) ao se pensar sob uma lógica da continuidade das formas coloniais de dominação, com opressões elitizadas versus perspectivas esteriotipadas, como exemplo a recorrente expressão “arte exótica”. Vimos a ausência de equidade à arte contemporânea por décadas, com poucas publicações relacionadas, ao mesmo tempo em que se evidenciava uma ontologia mágica. Demonstramos, entretanto, seu fortalecimento com a criação da Bienal do Mercosul (2002) como eixo respeitado da arte contemporânea em solo brasileiro, mesmo com a Fundação Bienal de São Paulo, até então, tida como maior protagonista.

Focamos a experiência compartilhada dessa grande crítica Adalice Araújo. Valorizamos que este texto poderia ser escrito em qualquer época, pois, a fluidez que transcorreu o relato regionalista de defesa em prol do Sul, como fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo foi de fato surpreendente. Mostrou-nos a luta e a persistência dos artistas de saírem do anonimato local. Adalice Araújo nos demonstrou uma capacidade especial em enumerar os diversos feitos da arte, especificamente catarinense e circunscrita explicitamente como uma “ilha”, não só na questão geográfica, que de fato é, mas, demonstrada de forma alusiva. A crítica identificou que a falsa cultura levou o enfoque do problema no Brasil a uma série de distorções, ao mesmo tempo em que decodificou elementos de estudo importantíssimos para a questão do imaginário regional. Nessa simbologia tão rica, apresentou-nos os mitos e ritos muito importantes para toda uma cultura, não apenas brasileira, e sim, em prol de nossa latino-americanidade.

Notas

¹ Essa tese original (datilografada) está disponível *In*: FATIO, C. (2012) e no Acervo Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

² A crítica de arte e Professora Doutora Mariza Bertoli, em entrevista (2011) à essa pesquisadora afirmou que o objeto da I Bienal Latino-Americana 'Mitos e Magia' havia sido, muito antes, sugerido por Adalice Araújo em virtude de sua própria pesquisa de doutorado intitulada "Mitos e magia na Ilha de Santa Catarina".

³ Coletivo ARTIXX é uma comunidade de arte social que interage por meio da criação coletiva, da ação informal entre artistas e não-artistas. Foi criado em 2008.

⁴ Guerrilheira Dada (Adalice Araújo) em virtude de seu engajamento social com a arte, museus, artistas e coletivos, foi chamada inúmeras vezes para depor no SNI.

⁵ Dicionário de Artes Plásticas do Paraná, missão de uma vida inteira de dedicação e pesquisa. Apresentou os primeiros verbetes sobre os artistas e suas obras, com 752 páginas. Foi considerado como levantamento iconográfico inicial de todas as regiões do Estado. Faltou-lhe, no entanto, apoio do poder público para consolidar esse projeto cultural.

⁶ Franklin Joaquim CASCAES: Seu talento foi descoberto com esculturas nas areias da Praia de Itaguaçu (década de 20). Seu pai acreditava que o homem era feito do trabalho e não da escola. Com 20 anos nunca havia frequentado uma sala de aula. Tido como grande pesquisador do folclore, tradições e magias mitológicas da Ilha do Desterro.

⁷ Barriga-Verde: Termo antropofágico mencionado pela autora. Foi referência à I Exposição de Pinturas e Desenhos com motivos catarinenses de Meyer Filho e Hassis. E foi expressão usada inicialmente em tom pejorativo aos soldados da província de Santa Catarina, devido à sua vestimenta. Hoje motivo de maior orgulho para identificar o sujeito apaixonado pela pesca.

⁸ HASSIS (Hiedy de Assis Corrêa) atuou em diferentes frentes de trabalho. Participou de mais de 213 coletivas em salões de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. Conta com mais de 66 exposições individuais realizadas. Suas obras integram o acervo do MASC de Florianópolis/SC, MAC de Curitiba/PR, além de coleções particulares no Brasil e no exterior, intitulou-se sempre como autodidata.

⁹ Ernesto MEYER Filho, conforme descrição de Araújo, suas obras inscreveram-se entre as mais representativas da arte fantástica de Santa Catarina, como propositor de um folk mágico, revestiu os símbolos arcaicos de um significado mágico (ARAÚJO,1977, p.3). Descrito como pintor, desenhista e tapeceiro autodidata.

¹⁰ Eli HEIL participou da seção "Arte Incomum" da 16ª Bienal Internacional de São Paulo (1981). O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) realizou uma mostra retrospectiva (1982). A artista criou "Mundo Ovo de Eli Heil" (1997) na capital catarinense, com a inauguração da Fundação em 1994. Foi autora do livro de poemas e desenhos "Vomitando Sentimentos" (2000).

¹¹ Dimas ROSA foi considerado um homem de talentos múltiplos, ao descobrir em materiais diversos as distintas linguagens para se expressar. Com inúmeras exposições catalogadas, atuou de professor à coordenador da Secretaria de Educação do Estado de SC.

¹² São verbetes organizados de A-Z dos artistas catarinenses, com prefácio de Pietro Maria Bardi. Inicia-se no século XIX com o artista Victor Meirelles.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Adalice. **Mito e magia na arte catarinense**: Franklin Cascaes & Eli Heil. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1978. 121 p., il. p&b.

_____. **Mito e magia na arte catarinense**. *In*: LIVRO: simpósio v.2. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, 1978.

_____. (Guerrilheira Dada). Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/perfil/adalice-araujo-a-guerrilheira-dada-27yr94ovwixr3zcep7x97mfke/> Acesso em 14 jul. 2019, 19hs.

Barriga-Verde. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/barriga+verde/> Acesso em 11 maio 2020, 22hs.

CASCAES, Franklin. Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=franklin+cascaes&menu=1&ubmenuid=sobre> . Acesso em 10 jul. 2019, 21hs.

Coletivo ARTIXX. Disponível em: <http://artixxaoarlivre.blogspot.com/> E em:

<http://artixxaoarlivre.blogspot.com/2011/04/adalice-maria-de-araujo.html> Acesso em 21 maio 2020, 18hs.

HEIL, Eli. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8757/eli-heil>

Acesso em 10 abr. 2020, 9hs.

FATIO, Carla F. Processos artísticos no continente latino-americano: uma perspectiva histórica e crítica da **I Bienal Latino-Americana de 1978** e o seu legado para a América Latina e Brasil. Orientador: Profa. Dra. Lisbeth Rebollo Gonçalves. São Paulo: 2012. 547f. Tese (Doutorado) – Programa de Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DANIEL, Larissa Chagas: *In*: As ilustrações e o modernismo plástico em Santa Catarina.

Revista Sul (Revista Santa Catarina em História) Florianópolis, v. 6, n. 2 (2012) p.43. UFSC, Brasil ISSN 1984-3968.

Dicionário de Artes Plásticas do Paraná. Disponível em:

<http://http://www.gazetadopovo.com.br/perfil/conteudo.phtml?id=1045470> e

http://www.revistamuseu.com.br//noticias/not.asp?id=9322&MES=/6/2006&max_por=10&max_in_g=5#not Acesso em 20 abr.2020, 20hs.

DIMAS, R. *In*: Nunes, S.; Ramalho e Oliveira, R. Dimas Rosa: duplamente um grande mestre. **Revista Nupeart**, SC, v.13, (2015) p.39-41.

GRUPO Sul. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo635904/grupo-sul>>. **Verbetes da Enciclopédia**. ISBN: 978-85-7979-060-7

HASSIS Disponível em:

<https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/exposicoes/temporarias/arquivo/1994-2/hassis-desenhos> Acesso em 19 abr.2020, 18hs.

LAUS, Harry; MATTOS, Nancy Therezinha Bortolin Moraes. **Indicador catarinense das artes plásticas**. Florianópolis, FCC, 1988, 192p.

MEYER Filho. Ernesto. Disponível em: <http://acla.org.br/patronos/ernesto-meyer-filho/>. E em:

<http://www.meyerfilho.org.br//pagina/1/o-instituto> Acessos em 22 abr.2020, 10hs

Carla Fatio

Artista visual. Pós-doutoranda pela ECA/PROLAM/USP. Concursada pela PMG para a Educação Básica. Membro do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Crítica de Arte CNPq/USP. Doutora, PROLAM/USP. Mestre em Artes, IA/UNESP e Mestre em Educação (Psicopedagogia) UNISA. Atua em áreas teórico-práticas da arte.

CV completo: <http://lattes.cnpq.br/1389089960538205>. Contato: carlafatio@gmail.com